

14. O Deus que espera

Com o pecado, no entanto, inicia-se ou, melhor dizendo, manifesta-se totalmente um outro mistério. Quando o homem trai a expectativa de Deus, a esperança de Deus em relação a ele, Deus começa a procurar e esperar pelo homem. Deus, isto é, manifesta sua misericórdia, revela que o seu amor por nós é misericórdia.

O que faz o pai da parábola do filho pródigo em Lucas 15, 11-32? Espera! Tão logo o filho partiu rumo à perdição e à morte, o pai se põe imediatamente a esperar por ele, a esperar que ele retorne: “Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado” (Lc 15, 24). Na figura desse pai que espera pelo filho, Jesus nos revela um mistério extraordinário: nos revela que, quando o amor de Deus se revela como misericórdia, é como se o Deus eterno deixasse a eternidade para se tornar espera no tempo, procura no tempo, paciência no tempo. Deus, que era o Ser eterno a ser esperado, torna-se para nós o Ser eterno que espera. Esse é o mistério de Jesus Cristo. O Eterno entra no tempo a ponto de tomar sobre si todas as consequências do pecado do homem: o cansaço, a dor e a morte. E é isto que restitui ao tempo do homem, ao tempo humano, o sentido, a beleza, a intensidade e a plenitude da expectativa por Deus, da espera pelo Esposo que vem, a beleza e a intensidade da esperança. O Eterno vem no tempo como o Esposo, ou seja, como Aquele a quem somos convidados a nos unir intimamente e para sempre a fim de vivermos com alegria e fecundidade a nossa vida. Quando dois esposos se amam, a expectativa e a comunhão entre eles se tornam uma realidade maior do que o cansaço, a dor e a morte que caracterizam a vida terrena.

O que fez Jesus, o Filho de Deus, durante trinta anos em Nazaré? Também ele esperou, viveu o tempo da espera, sem pressa, com obediência. “Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou”, diz Jesus à sua mãe durante as bodas de Caná (Jo 2, 4). Com essa palavra, que quase parece escapar-lhe em um momento de irritação, Cristo revela em vez disso o sentido de todo o tempo em que foi paciente ocultamente em Nazaré: por trinta anos ele esperou a sua hora, a hora da sua missão, a hora querida pelo Pai, a hora que dá sentido ao tempo, ao cansaço, à dor e à morte do tempo humano.

Quando temos pressa, quando queremos tudo imediatamente, o problema não é a falta de tempo: o problema é que não esperamos Deus; que daquilo que estamos vivendo, fazendo, encontrando, não esperamos nada mais do que aquela coisa ali, do que aquele preciso resultado, do que aquele determinado prazer, do que aquela satisfação imediata. Não esperamos pelo infinito, pelo eterno, não esperamos por Deus. Sufocamos o tempo porque não respiramos a expectativa de Deus, a esperança em Deus.

O pai dos monges, Santo Antão abade, antes de morrer, dizia aos seus discípulos: “Respirem sempre Cristo!” (S. Atanásio, *Vida de Antão*, 91, 3). Que grande amor ele tinha por seus filhos espirituais a ponto de deixá-los como herança, não bens, não riquezas, não poder, mas a consciência de uma necessidade, de uma pobreza vital, de uma impotência radical: de ter necessidade de Cristo como temos necessidade do ar para viver!

“Respirem sempre Cristo!” quer dizer que na necessidade imediata que todos nós temos, como a necessidade de oxigênio, nos é dado exprimir e encarnar a espera do encontro com o Eterno que quer unir-se a nós. É como se Santo Antão tivesse dito aos seus discípulos que, mesmo quando precisamos de ar, é de Cristo que temos necessidade, ou seja, toda necessidade humana é um símbolo real, concreto, da nossa necessidade do Senhor, da nossa espera por Jesus Cristo, o Esposo da vida.

É como se dissesse: quando lhes falta o ar, ou quando estão com fome e sede, ou quando lhes falta a saúde, ou a companhia e o amor do próximo, quando lhes falta o afeto, saibam que é de Cristo que vocês precisam e sempre precisarão, é Ele que falta verdadeira e profundamente no coração humano. Isso não significa que não devemos respirar, que não devemos comer e beber, que não devemos prezar pela saúde, pelo afeto e pela amizade. Jesus, fazendo-se homem, amou tudo isso, desfrutou de tudo isso. Mas ele sempre viveu tudo aquilo que é humano como meio de relacionamento com o Pai, como ocasião concreta de pensar no Pai, de amar o Pai, de pedir tudo ao Pai, de louvar com gratidão o Pai por todas as coisas.

A expectativa por Deus não mortifica o gosto pela vida. Pelo contrário: é justamente ela que o torna possível. Quando da vida aguardamos apenas o imediato, aquilo que podemos agarrar sem empenhar o coração no desejo do infinito, imediatamente experimentamos a desilusão, imediatamente o fruto que arrancamos da árvore e que possuímos em nossas mãos nos decepciona, apodrece, nos torna mais vazios, tristes. Em vez disso, é-nos dado experimentar, com estupor, que quanto mais desejamos e esperamos Deus dentro de cada conjuntura da vida, tanto mais nos é dado saborear a vida em cada instante, em cada detalhe, como Jesus, que admirava cada pequena flor, cada criança que brincava na rua, cada gesto do trabalho humano.

A expectativa por Deus preenche o tempo, preenche o instante, como quando o vento retesa e infla vigorosamente a vela que permite ao barco se mover, ter uma direção, um dinamismo que desafia as vagas do mar. Mas o vento infla a vela porque sopra mais longe do que o ponto onde se encontra o barco, porque sopra em direção a um espaço infinito. Ou a água do regato que move a roda e, assim, a mó do moinho: o faz porque a água escorre em direção ao mar. A água parada não tem a energia necessária para mover a roda do moinho. Ao contrário, a tem a água que escorre em direção ao mar. E a energia está exatamente em sua destinação, nesta direção decisiva rumo ao espaço infinito do mar.

O mesmo acontece em nossa vida: quanto mais estamos motivados a desejar Deus, a aguardar Deus, a esperar Nele, mais cada pequeno movimento, cada passo do qual é composta a existência humana, é animado por uma energia, por uma vitalidade que, de outra forma, seria impossível, e que impressiona, porque de fato é um milagre, uma obra de Deus que passa misteriosamente através da nossa pequena vida cotidiana.

Assim, entendemos que o grande milagre de Deus ao criar o homem é o mistério do nosso coração feito para desejar e amar o Criador. O grande milagre de Deus é a nossa liberdade feita para esperar e desejar Deus porque Deus a espera e a deseja por primeiro, eternamente.